

O olhar no tempo:
encontros e trânsitos





O olhar no tempo: encontros e trânsitos

O objetivo deste projeto foi misturar tempos e espaços. Ou, elaborando um pouquinho mais: refletir sobre as nossas percepções da linearidade e da não-linearidade do tempo, e a relação dessas percepções com o espaço. A fotografia foi utilizada como ferramenta de trabalho e também como objeto de reflexão, para explorar a ideia de que ela, a fotografia, pode ser uma janela que se abre no muro da nossa concepção de tempo e de espaço.

O trabalho começou com a colagem de fotos antigas da minha família, tiradas entre os anos 1910 e 1950, nas ruas de Brasília. Foram dez locais públicos: oito na região da rodoviária do Plano Piloto e Conic, um na 403 sul e um na 415 norte. Em seguida essas intervenções foram fotografadas com duas câmeras digitais e três máquinas antigas, das décadas de 1920 a 1950: uma polaroid e duas câmeras de médio e grande formato (com negativos de 6x9 centímetros e de 4x5 polegadas). A documentação incluiu também pinhole (foto com latinha) e uma daguerreotipia.

O tratamento dado às fotos digitais, com cores esmaecidas e vinhetas exageradas, brinca com a ideia de misturar visualmente diferentes épocas. As fotos feitas com câmeras antigas, porém, não receberam qualquer tratamento; estão apresentadas com todas as suas peculiaridades e belas imperfeições.

Nas páginas seguintes apresentamos uma pequena seleção dessas fotos. A título de curiosidade, as legendas informam a câmera utilizada. A cada um dos dez locais corresponde uma frase – tentativas de abordar com palavras simples uma ideia não tão simples.

Os resultados do projeto foram expostos em painéis com essas frases e fotos. Antes de itinerar em duas galerias, a exposição foi inaugurada na plataforma superior da rodoviária do Plano Piloto, em local aberto, com enorme circulação de pessoas. Ali permaneceu por quinze dias, sem vigilância e sem sofrer qualquer dano. Enquanto eu a desmontava, alguns passantes e vendedores me falavam baixinho: “Obrigado”. Foi, de longe, o melhor lugar onde já expus.

No final deste catálogo estão os nomes dos profissionais envolvidos, um pequeno making of e alguns relatos de transeuntes sobre as fotos nas ruas. A interação com as pessoas foi muito rica. Um dia uma criança com uma caixa de engraxate me mostrou o ângulo certo para uma foto que eu não estava conseguindo enquadrar. Algumas pessoas definiram exatamente o que eu considerava o xis da questão; outras apontaram outros xis que eu não havia percebido. Agradeço, com muito carinho, a todos que participaram.

Usha Velasco



Foto digital

As crianças de 1932 ainda
estão olhando para nós



Polaroid



Foto digital



Foto digital



Polaroid



Câmera antiga (6x9cm)

Quem passa
e quem fica?

O tempo passa?
O tempo fica?



Câmera antiga (6x9cm)



Foto digital



Foto digital

Muitos tempos
Muitos lugares
Aqui



Foto digital



Câmera antiga (4x5")

[Saudade]

A memória da minha família
também pode ser a sua?



Foto digital



Câmera antiga (4x5")



Polaroid



Foto digital

Todos estão aqui e agora



Foto digital

O tempo passa
num piscar
de olhos?



Foto digital



Câmera antiga (6x9cm)



Pinhole com lata (câmera artesanal sem lente)



Foto digital

Olhamos os dois aqui e lá, hoje
e em 1940, ao mesmo tempo

O que vemos
é o que nos olha?



Polaroid



Foto digital



Foto digital

Dirce Ribeiro Velasco,
aqui e lá, retratada em
1929 e em 2010, pelo
pai e pela neta

As fotos
misturam
espaços
e reúnem
tempos



Foto digital



Foto digital



Dois tempos
conversam.
Ou são um
tempo só?



Fotos digitais



Câmera antiga (6x9cm)

Retratos de família



1. Maria Noêmia Tomei (esq.), 1910
Mãe do meu avô, Hélio Velasco



2. Isabel, Sônia e Hélio Velasco, 1920



3. Dirce Ribeiro, 1929
Minha avó



4. Dirce Ribeiro (no centro, com o bebê), 1932



5. Maurício Velasco (dir.), 1925



6. Hélio Velasco e Dirce Ribeiro, 1940



7. Hélio e Dirce, 1942



8. Marco Antônio, meu pai, e Maria
Magdalena Dias Pontes, minha avó, 1941



9. Valéria de Velasco, 1950
Minha mãe



10. Sônia Maria Velasco, 1950
Minha tia

Making of



Aventura com uma escada não muito firme. Um senhor veio ajudar o produtor do projeto a me manter segura. Minhas filhas Bruna e Luísa participaram passando cola nos papéis (xerox A3) e fotografando o processo de colagem



Luísa posou para uma daguerreotipia junto à foto de sua bisavó de 9 anos, durante um workshop de Francisco Moreira (esq.). Foto de Bete Coutinho



No final desta colagem, já de noite, vimos que não dava para alcançar alto o bastante. Dois rodoviários que passavam por ali se ofereceram para ajudar o produtor Aloísio César a manter o equilíbrio, coisa que eu não estava conseguindo sozinha

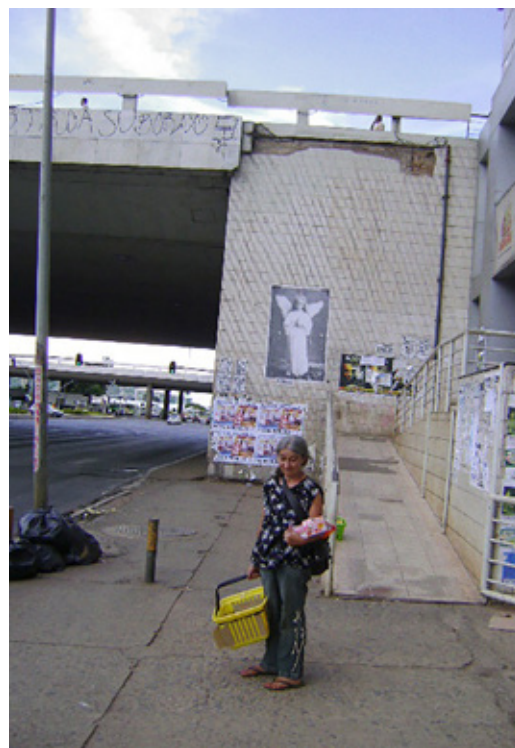
Na rodoviária, o fotógrafo José Rosa explica aos curiosos como se faz uma fotografia pinhole, sem câmera, usando apenas papel fotossensível e a latinha abaixo



O fotógrafo Rinaldo Morelli (acima) ajusta sua câmera antiga formato 4x5". À esquerda, a câmera formato 6x9cm que pertenceu ao meu avô. Com ela foram feitas várias das fotos deste projeto, em 2010, e também os retratos 6, 9 e 10 da página anterior, nos anos 1940 e 1950

Depoimentos

Os três fotografos que documentaram a permanência das fotos antigas na rua responderam a muitas perguntas de pessoas que passavam pelos vários locais. O interesse delas foi tanto que motivou uma atividade não prevista inicialmente, a coleta de depoimentos. As entrevistas e as fotos são da jornalista Fabíola Góis.



“Voltei à minha infância quando vi essa foto, foi uma sensação muito boa. Olho para ela todos os dias. Convivo bem com ela aqui nesse espaço e nesse tempo.”

Maria Vitória Bernardes, 65 anos, moradora do prédio em frente ao posto da 403 sul



“Essa é uma foto de um anjo que vai para o céu. É foto antiga. Eu sinto remorso quando olho para ela. Remorso das caridades que não fiz. Devia ter feito mais pela comunidade.”

Maria Zélia de Oliveira, 49 anos, vendedora ambulante



“Me lembrei muito dos meus irmãos quando olhei a foto.”

Anderson de Oliveira Alves Pereira, 40 anos, professor



“Essa foto pode representar muita coisa, inclusive uma forma de arte. Deve ser obra de algum artista. Ele quer expressar alguma coisa.”

Mário Soares Santos, 23 anos, porteiro

“Parabéns pela arte. A arte é que tira as pessoas do primitivismo”

João Evangelista, trabalhador em situação de rua



“Ao ver essas fotos, tive a sensação de que a cidade pode ajudar a recuperar a memória das pessoas. É uma arte que tem relação direta com a presença das pessoas na cidade e como elas se relacionam com isso.”

Paulo Parucker, 46 anos, servidor público

“Essa imagem passou a fazer parte da bagagem afetiva dos moradores”

Artista plástica moradora da 415 norte, não se identificou



“Acho que é uma foto antiga porque está em preto e branco. Parece que eles são um casal e que estão casados há muito tempo. Isso me lembra o amor.”

Alaíde Denise Bandeira,
25 anos, recepcionista



“Muita gente me pergunta [o que é a foto e por que está ali], porque sempre fico aqui nesse lugar. Tem gente que para pra tirar foto da foto. Fiquei sabendo que foi um fotógrafo que colou na semana passada.”

Maria Francisca de Araújo,
53 anos, vendedora ambulante



“Hoje a tecnologia nos leva do passado ao presente, mas vejo que essa imagem é verdadeira.”

Rivelino Florindo Massuia,
40 anos, rodoviário



“Achei interessante trazer o passado para o presente. E logo aqui no Conic.”

José Augusto da Cruz, 45 anos, rodoviário

“É tipo uma viagem no tempo, não é?”

Rodoviário, não se identificou



“Essa foto é muito bonita. Gerou muita curiosidade: quem são eles? Muita gente parava pra perguntar e tirava foto. Teve até turista alemão aqui. É uma arte. Vemos claramente a diferença do tempo passado com o de hoje. Deviam pregar mais fotos no posto.”

Aderaldo Ferreira da Silva,
39 anos, zelador

Prêmio Funarte Marc Ferrez de Fotografia 2010, categoria
Pesquisa, experimentação e criação em linguagem fotográfica

Criação, textos e fotografia digital:
Usha Velasco

Fotografia com câmeras antigas:
Rinaldo Morelli

Fotografia pinhole:
José Rosa

Depoimentos:
Fabíola Góis

Produção:
Aloísio César

Agradecimentos:

ACM Brasília
Administração da Rodoviária
Bruna Pontes Felice
Carmen Gramacho
Caixa Cênica Produção
Faculdade de Artes Dulcina
Karinne Vasconcelos
Luísa Pontes Molina
Rede Gasol de Combustíveis
Restaurante Villa's

Capa: foto de Rinaldo Morelli

Patrocínio:

